

## FEIRA DAS PULGAS: cartografia do para-formal na contemporaneidade

RAFAELA BARROS DE PINHO<sup>1</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

As feiras são espaços emergentes de atuação, são formadas muitas vezes pelas relações estabelecidas por pequenos grupos, são mutáveis, transcorrem caminhos permeados por contradições e são um universo cheio de cores, sabores, cheiros e sociabilidades, elas sempre tiveram uma importância muito grande, não só no papel comercial das cidades, mas também em questões de espaço, cultura e trocas sociais. As feiras das pulgas são, portanto, reuniões para a venda de objetos e antiguidades diversas, em dias e horários pré-determinados, ao ar livre no espaço público das cidades. Essas feiras das pulgas despertam interesse enquanto um enorme complexo de fatores – econômicos, jurídicos, políticos e estéticos – que interagem e produzem sentidos.

Essa pesquisa dedica-se a descobrir os aspectos socioculturais e as intervenções no espaço público dessas feiras das pulgas, que ocupam de forma efêmera e atemporal a cidade, fazendo com que, além da atividade de comércio, se destinem a troca de culturas, memórias e histórias.

Tendo em vista a emergência de ocupações nos espaços públicos por feiras, mercados, ações culturais e artísticas, entre outros, principalmente na América Latina, esta pesquisa busca identificar possíveis decisões urbanas que possibilitem um “bom” pouso na dinâmica existente nas cidades quando há inserção de feira das pulgas.

As feiras são uma espécie de cartão de intervenção urbana, sendo uma ferramenta fundamental na variedade, movimento e experiência das cidades. O universo das feiras não é apenas um ambiente favorável ao comércio, uma feira é, antes de mais nada, um local de encontro. Essas feiras das pulgas podem ser atividades compreendidas a partir de cenas urbanas que ocupam o espaço público paralelamente as atividades formais, modificando suas características e desenho urbano projetado. Os espaços vão muito além de pontos de compra e venda de mercadorias, são lugares privilegiados, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de conhecidos, locais escolhidos para os mais variados atos da vida social.

Analizando-se alguns processos de apropriação dos lugares que, pelos usos e pela construção da experiência urbana, conformam resistências ao contexto de desintegração da vida urbana contemporânea<sup>1</sup>, simbolizando a luta pelo “direito à cidade”. As feiras de antiguidades podem ser consideradas espaços de vitalidade - entendidos aqui como a espontaneidade, a imprevisibilidade e a diversidade do encontro, como também a pluralidade e heterogeneidade de atividades e de pessoas, que quebram o cotidiano da cidade.

<sup>1</sup>Contemporâneo, para Agamben (2009), é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro, onde o presente não é outra coisa senão a parte não vivida em todo o vivido e justamente a atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo.

As feiras das pulgas, portanto, podem revelar em meio aos seus rizomas<sup>2</sup>, relações econômicas, políticas e sociais, nos levando as direções onde encontramos histórias de vida, de resistência e de variadas culturas, contendo dentro de si ecos das cidades, de seus habitantes e seus sentimentos também sendo sinônimo de arte, cultura e representação.

A partir de tais constatações, o **objetivo geral** desta pesquisa é cartografar a inserção de Feiras das Pulgas e demonstrar como ela modifica e/ou interfere no desenho urbano existente, no espaço da cidade e no cotidiano das pessoas.

Os objetivos específicos são: identificar as ocupações e as configurações de feiras das pulgas nas cidades estudadas; estabelecer relações entre os sentidos dos lugares das feiras e suas dinâmicas sociais: com e sem feira; dar voz as usuários, feirantes e turistas sobre suas relações afectivas com as feiras das pulgas e; agenciar conceitos e teorias da filosofia da diferença<sup>3</sup> e teorias urbanas contemporâneas, com os casos estudados.

A pesquisa pretende, ao fim de sua trajetória, alcançar os objetivos e avançar nos estudos acerca da cidade na contemporaneidade; ampliando a discussão a respeito dessas atividades para-formais<sup>4</sup> que rompem com o cotidiano das cidades e que cada vez mais são aceitas e fazem parte do nosso meio urbano.

## 2. METODOLOGIA

Principal método utilizado nesse processo de pesquisa é a Cartografia, conceito trazido pelos filósofos da diferença Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997). Esse método procura percorrer a cidade em busca da diferença, de cenários não marcados no mapa habitual das cidades, como as feiras das pulgas; a cartografia não se configura como um método tradicional, é uma maneira de proceder que pode admitir as modificações temporais no espaço e busca mediar a experiência corporal do pesquisador, usuários com as feiras das pulgas. Um método dinâmico, constituído de infinitas linhas que se cruzam, de dobras, desdobras, de territórios, desterritórios e reterritórios (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

A cartografia é um método de mapear as dinâmicas da contemporaneidade, é possível construir mapas que nos falem de muitas cidades não visíveis, que convivem com as nossas cidades, mapas que nos falem da vida cotidiana em que vivemos, dos caminhos, dos eventos urbanos, daquilo que não é só estático, que não está cheio, do simultâneo, do híbrido, do que pode estar à margem, do que não é central, de tudo que está soterrado, abandonado nos lugares físicos e espaciais nas cidades em que vivemos.

Se busca a perspectiva contemporânea de experimentar um lugar, com olhares laterais, pelas frestas, que tendem a diminuir a distância entre o

<sup>2</sup> O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva-daninha (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

<sup>3</sup> "Queremos pensar na diferença em si mesma e a relação do diferente com o diferente, independente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo e as fazem passar pelo negativo" (DELEUZE, 2006, p. 36).

<sup>4</sup> As atividades para-formais são aquelas que se encontram no limite entre o formal, tomado como formado, pronto, constituído, e o informal, no sentido de "em formação", "em construção". Tratam-se de atividades comerciais, culturais, relacionadas a moradia, entre outras, encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de sua configuração primeira, mas que na contemporaneidade passam a fazer parte de seu cotidiano. São cenas urbanas, passíveis de serem individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O para-formal no cotidiano das cidades gera controvérsias, disputas, opiniões diversas e debates. Pressupõe relações cidade-corpo e corpo-cidade que, às vezes, são veladas e dóceis, outras reveladas e desobedientes (ALLEMAND, ROCHA, PINHO, 2014).

observador e o observado, habilitando, assim, uma espécie de mediação subjetiva e circunstancial durante a aproximação ao território cartografado.

Os procedimentos metodológicos escolhidos para o processo de investigação nas feiras das pulgas são: revisão bibliográfica (referencial teórico), entrevistas cartográficas, registros fotográficos, experimentações in loco(viagens), observações em diário de campo e produção de mapas.

Foram experimentadas feiras das pulgas localizadas no sul da América do Sul – duas brasileiras, uma uruguaia e uma argentina – das seguintes cidades: Porto Alegre e Curitiba, no Brasil ; Buenos Aires, na Argentina e; Montevidéu, no Uruguai (fig. 1). Tendo em comum suas mercadorias (bens antigos, usados, artísticos e de fabricação artesanal), sua ocupação em espaços públicos, a periodicidade de montagem (dias específicos da semana e horários) e já fazem parte da identidade cultural das cidades estudadas.



Fig 1: Mapa de localização das feiras estudadas na América do Sul. Fonte: <https://maps.google.com.br/> editado pela autora.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade contemporânea é um lugar de fronteira, de ruptura, uma cidade troca, onde proliferam zonas abandonadas, baldias e, ao mesmo tempo, surgem novas culturas e subculturas, tais como as feiras, as quais são manifestações cotidianas da cidade. A cidade contemporânea é o caos, é a coexistência de diversos tipos de pessoas, de diferentes classes econômicas, que buscam modos de vida diferentes. A cidade contemporânea é a diversidade.

As experiências nas feiras das pulgas foram realizadas pela autora, usuários, feiras, turistas e etc; durante viagem pelas cidades de Buenos Aires, Montevideo, Porto Alegre e Curitiba, entre os meses de setembro de 2015 e abril de 2016, que duraram tempo de montagem, permanência e desmontagem da feira, com todas as variações, dificuldades, peculiaridades e diversidades que cada caso carrega.

Para cada caso foram feitos registros divididos em: “histórico da feira”, “viagem à feira” e “dia de feira”.

### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa ainda está em andamento, porém alguns aspectos iniciais já podem ser citados: A vida urbana e cotidiana contemporânea confere grande diversidade e riqueza de possibilidades de apropriação do território urbano. Busca-se estabelecer as relações entre os sentidos dos lugares dos mercados e a sua dinâmica social, de modo a investigar e fazer uma análise de relações com os lugares e da atualização de tradições e a negociação dos usos do espaço. Busca-se também analisar processos de apropriação dos lugares que, pelos usos e pela

construção da experiência urbana, que conformam resistências ao contexto de desintegração da vida urbana contemporânea, simbolizando a luta pelo “direito à cidade”.

As feiras das pulgas podem ser consideradas espaços de vitalidade - entendida aqui como a espontaneidade, a imprevisibilidade e a diversidade do encontro, como também a pluralidade e heterogeneidade de atividades e de pessoas. Assim, nas feiras em estudo, as pessoas têm conhecimento das últimas notícias, são feitos os anúncios de utilidade pública e as manifestações coletivas se expõem. Manifestações geralmente ocorrem em dia de feira, assim como espetáculos artísticos, desenvolvem-se nas feiras como forma de entretenimento, apresentando riqueza e a experiência da memória.



Fig 2: Fotografias das feiras das pulgas nas cidades estudadas. (Buenos Aires, Montevideo, Porto Alegre e Curitiba).

Fonte: acervo da autora

A importância e o dinamismo que as feiras das pulgas ainda conservam fundam-se, sobretudo, na sua localização e na sua capacidade de preservar práticas tradicionais. No que diz respeito à sua relação com a estrutura urbana, essas regiões, são áreas de articulação da cidade e o nó da circulação urbana, onde se concentram sobretudo de atividades para-formais. É possível afirmar que o público que frequenta tais feiras é heterogêneo, varia de jovens a idosos, ricos e pobres, moradores e turistas; existe uma grande diversidade, própria da contemporaneidade, uma mistura de atividades e comportamentos num mesmo espaço público. Convivendo para-formal e formal, numa certa sensação de docilidade e inclusão. Feira das Pulgas é marcado pela diversidade e informalidade; sobrevivência de outros espaços e tempos; lugar de mistura e abundância.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALLEMAND, Debora Souto; ROCHA, Eduardo; PINHO, Rafaela Barros de. **Descobrindo a cidade “Para-formal”: controvérsias e mediações no espaço público.** Revista Virus, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo.** São Paulo. Brasiliense. 2005.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Feliz. **O anti-édipo.** São Paulo: Ed. 34. 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** V.1. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre. Editora Sulina, 2012